

Dilemas contemporâneos do analista de adolescentes¹

Clara Nemas,² Buenos Aires

A autora considera que falar da adolescência é referir-se ao conjunto da sociedade, ao marco histórico cultural, a partir de onde a estudamos, ou, talvez, seria mais apropriado dizer, a partir de onde a construímos. A descrição semiológica requer pensar, simultaneamente, o observado (o adolescente ou a/s adolescência/s) tanto como o observador (quem olha, desde onde e para quê), organizando um campo de saber dialógico que envolve o par observado/observador. Quem e como são os adolescentes que recebemos em nossos consultórios? Podemos falar de como são, ou deveríamos dizer como os construímos? Se consideram para tanto, os vínculos entre tempo, corpo e espaço em relação com os avanços tecnológicos que influenciaram nos modos de relação entre os adolescentes e com a sociedade.

Palavras-chave: adolescência, adições, tempo, espaço, corpo.

¹ N.R.: Conferência proferida no XVIII Simpósio da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

² Psicanalista de crianças e adolescentes, membro titular com função didática na Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

A situação na qual me encontro neste momento, de onde parto para intercambiar ideias com vocês sobre o nosso trabalho, está mais na linha que tenta tomar distância, tanto do escândalo dos *apocalípticos*, como da aceitação acrítica dos *integrados* (Eco, 1995). Meu convite e minha esperança é que possamos pensar juntos em um estado de reflexão serena.

Na abordagem contemporânea da adolescência fica cada vez mais claro que não podemos falar no singular *a adolescência* e, sim, as adolescências. O uso do plural destaca que a adolescência é uma construção histórica, não só por sua aparição recente na história do Ocidente, mas também porque oferece traços diferentes em cada tempo e lugar.

Falar da adolescência, por outro lado, é referir-se ao conjunto da sociedade, ao marco histórico cultural, a partir de onde a estudamos, ou, talvez, seria mais apropriado dizer a partir de onde a construímos. A descrição semiológica requer pensar simultaneamente o observado (o adolescente ou a/s adolescência/s) e o observador (quem olha, desde onde e para quê), organizando um campo de saber dialógico que envolve o par observado/observador. Este caminho já nos é familiar na psicanálise contemporânea e constitui uma ética que sustenta nossa prática.

Isto nos enfrenta ao complexo assunto do contemporâneo: de que e de quem somos contemporâneos. A contemporaneidade é uma relação singular com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, toma distância. Os que coincidem de uma maneira absoluta com a época, que concordam perfeitamente com ela, não são contemporâneos, justamente, porque, por essa razão, não conseguem vê-la. Pensar nesse estado sereno de reflexão que lhes propunha no começo requer nossa coragem, para sustentarmos com firmeza a perspectiva psicanalítica de observação, e honestidade, para revisarmos nossas ideias tanto frente à pressão da política correta, que nos leva, às vezes, a coincidir excessivamente com a época, quanto frente aos preconceitos regressivos e nostálgicos que nos fossilizam frente à mudança.

Referir-me-ei agora ao observador: quem está olhando neste momento e neles me incluo. Como muitos de vocês, me *criei*, em minha formação em psicanálise da adolescência, seguindo os textos de Donald Meltzer e Martha Harris (1970-73): os chamados *Seminários de Novara* dos anos setenta. Na verdade, teve um momento anterior em que influenciaram, muitos de nós, os trabalhos de Mauricio Knobel e Arminda Aberastury, a partir dos quais se entendia a adolescência como um passo necessário para o processo do luto do corpo infantil e dos pais da infância. Os trabalhos de Meltzer vieram a tornar mais complexa esta visão, que já não se adequava, nos anos setenta, ao que nos demandavam os adolescentes em

nosso consultórios. Devo dizer que revisei os chamados *Seminários de Novara*, interrogando-os em várias oportunidades e sigo pensando que foram uma das contribuições mais interessantes relativa ao tema; seguem, pois, me acompanhando como referência, mesmo com mudanças em seu conteúdo.

Meltzer considera a adolescência não apenas como um momento de trânsito e metamorfoses entre a puberdade e o momento adulto, mas, sim, como um estado mental que pode perdurar em outros momentos da vida. Não é a mesma coisa ter entre doze e vinte anos e ser adolescente, mas não podemos desconhecer que há situações vitais e patológicas que têm prevalência entre uma e outra dessas idades. A *tormenta hormonal* da puberdade é o gatilho que desata um trabalho mental inédito que cada indivíduo e grupo social devem transpor, percorrer e tentar resolver. Se bem as configurações mentais adolescentes possam se estender e se manifestar em diferentes períodos da vida, a adolescência é a idade da primeira vez, dos momentos inaugurais. É um tempo e um espaço de transformação, de expansão e crescimento, com sucessos e fracassos que se distribuem em uma palheta, que nunca está só no branco, ou no preto.

Penso que as ideias de Meltzer, e o que mantém sua vigência, é que contribuem com um ponto de vista, uma perspectiva – poderíamos dizer social – a partir da qual o adolescente observa o mundo. Repassemos brevemente sua perspectiva. Meltzer descreve três comunidades: a comunidade da criança no âmbito familiar, a comunidade do mundo adulto e a comunidade dos adolescentes, que se situa externa às outras duas. Fora destas comunidades, encontramos o adolescente isolado, uma tragédia do fracasso do seu desenvolvimento.

Por bastante tempo me senti muito cômoda utilizando estes parâmetros que organizavam, para mim, um universo segundo o modo como Klein pensou as ansiedades (esquizoparanoides, e depressivas): sabemos que são infinitas, mas podem ser organizadas em espaços que nos ajudam a nos orientar. Atualmente, porém, me encontro em um momento um tanto incômodo e por isso lhes peço que me acompanhem em uma exposição sobreposta em vários planos – um pouco em textura Súper 8³ – para trazer ao nosso encontro o mundo das imagens da cultura, assim como algo da neblina do psiquismo adolescente. Tento me organizar em um continente, mas o conteúdo se revela e o transborda.

Quem e como são os adolescentes que recebemos em nossos consultórios? Podemos falar de como são, ou deveríamos dizer como os construímos? Os relatos parecem ter caído não só na história; nossos pacientes não costumam chegar à entrevista inicial com um relato, uma fantasia organizada sobre seus sofrimentos. Nós nos deparamos com rótulos diagnósticos, derivados do DSM: *crise de pânico*,

³ N.R.: Super 8 (ou Super 8 mm) é um formato cinematográfico desenvolvido nos anos 1960.

transtorno alimentar, toxicomanias, condutas de risco ou de autoagressão, ou talvez uma clínica do tédio, da experiência do vazio do tudo bem, tudo tranquilo, não tenho nada, não sei.

Há quase doze anos, a partir de uma tragédia em um espetáculo de rock no qual, em uma noite, morreram cento e noventa e quatro pessoas, escrevi um artigo que apresentei em algumas jornadas em Porto Alegre. Títulei este trabalho *Adolescência, adições e rock: quando bateu essa sensação, ficamos na presença da ausência da dor*, colhendo uns versos de uma música da banda que tocava nesta noite trágica. Tragédia que foi provocada pelo disparo de foguetes, corrupção, ganância dos empresários sem escrúpulos e por uma parte do mundo adulto hipócrita que olha para outro lado.

Desafortunadamente, há algumas semanas, voltou a acontecer uma tragédia na qual morreram cinco jovens em uma festa *rave*; enquanto escrevo estas páginas há mais cinco pessoas internadas ainda em estado grave. Um local habilitado para treze mil pessoas estava ocupado por mais de vinte mil concorrentes; a água corrente dos banheiros foi cortada, para que os jovens comprassem garrafas d'água a preços cada vez mais elevados, à medida que a noite passava. Nessa festa, como se sabe e é costume, se vendiam drogas sintéticas com uma impunidade fora – ou dentro – de uma escala.

Chocou-me ouvir uma jovem, cujo namorado morrera, dizer que essas festas eram tão desejadas, porque esperavam que ali poderiam “ter acesso ao paraíso” (as drogas que resultaram tão tóxicas eram aquelas conhecidas como *ecstasy* e outras chamadas *Superman*). “Falta pouco para voar”, “ter acesso ao paraíso” eram frases que apareciam há vários dias nas redes sociais dos jovens que participaram da festa.

Esta expressão me fez lembrar algo que Elizabeth Roudinesco dissera pouco tempo atrás em uma entrevista (comunicação verbal). Comentou que, em Paris, ela colabora com uma clínica, na qual se atendem adolescentes recrutados para a *jihad*, quando se os encontra antes de partirem para o exterior a fim de serem doutrinados. Nessa entrevista, Roudinesco diz que o que esses adolescentes buscam, ao se engajarem na causa, é “ter acesso ao paraíso”. Consideramos o número crescente de jovens, inclusive de classe média e não muçulmanos, que se engajam nas fileiras do *ihadismo*. Além do conteúdo anedótico das promessas que os esperam no paraíso, há uma coincidência nestas situações, aparentemente tão díspares, que nos convida a pensar. Qual será o significado simbólico deste paraíso? Abordo este tema ainda com risco de uma posição reducionista, já que estou deixando de lado um olhar interdisciplinar necessário para compreender estas situações demasiado complexas para serem condensadas em algumas linhas.

Proponho que, na adolescência, a eclosão das forças libidinais, junto com

a fantasia onipotente da possibilidade de uma satisfação absoluta, leva o jovem a supor que esta satisfação deve estar garantida por um objeto novo, depositário do narcisismo projetado e apontado pelo Ideal de Ego. Esta fantasia expressa um novo sistema que substitui a cosmovisão infantil do saber e do poder dos pais; a crença adolescente consiste em que se deve e se pode ultrapassar o casal parental e, ainda mais, aboli-lo e evitá-lo numa variante idealizada, paradisíaca, de satisfação absoluta alcançável.

O adolescente que goza da síndrome do paraíso pode, igualmente, se encontrar ali com a fonte do seu sofrimento, na medida em que a idealização absoluta se inverte em perseguição cruel. A mínima decepção pode expulsá-lo para muito longe, aparecendo, então, os *restos do naufrágio* que tomam a forma de condutas cuja motivação inconsciente é sadomasoquista: anorexia, adições, riscos mortais. Esta inversão de idealização em perseguição responde a um Superego severo e autoritário, que esconde a compulsão e a apresenta disfarçada de impulsividade nos comportamentos aditivos, para forjar uma aliança com o Id e assim cumprir sua missão. Proponho, então, que o dito *teus desejos são ordens* deveria ser entendido literalmente, ou seja: teus desejos são, na realidade, ordens que deves cumprir, já que provêm de ordens – superegoicas – às quais deves te submeter.

Rocio, uma jovem de dezoito anos que vem à consulta assustada pelo caráter violento de algumas brigas com sua mãe, conta que, às vezes, ainda quando se dá conta de que o que pede é irracional, não pode parar; insiste até o cansaço e se enfurece quando a mãe trata de sair de cena. Surpreende-se quando lhe digo que, embora pareça se rebelar contra a autoridade materna, se sente submetida a um personagem interno que a obriga a seguir lutando para obter algo que já não sabe se deseja.

Em contraponto com estes adolescentes, e nos mesmos dias em que aparecia esta notícia sobre a festa *rave* nos jornais, também ganhou notoriedade a notícia de mulheres adolescentes, de um colégio de ensino médio dependente da Universidade, que se rebelavam contra o tratamento, que consideravam machistas e abusivos, por parte de um funcionário recentemente promovido pelas autoridades. Outro grupo numeroso de jovens em Buenos Aires aproximou-se da militância política, algo que não acontecia com essa intensidade desde os anos da ditadura. Alterou-se a idade em que os jovens poderiam emitir seu voto, passou-se dos dezoito aos dezesseis anos. Isto, que foi motivo de muitas discussões nos meios, resultou em um efeito de compromisso de natureza social não condizente com a atmosfera individualista e hedonista da época.

Um pontilhado incompleto sobre algumas questões da contemporaneidade

Algumas reflexões sobre o tempo

Como um traço da contemporaneidade, poderíamos dizer que estamos nos distanciando do tríptico passado-presente-futuro para uma visão da vida como instantânea. É certo que o tempo humano é, em realidade, um tempo presente contínuo, mas este presente deu lugar ao efêmero, ao transitório, ao instantâneo. Confiança, esperança e tempo são três pilares nos quais se sustenta todo projeto que empreendemos. A cultura do instantâneo implica, e esse é o problema que, particularmente, enfrentamos como analistas pela índole de nosso método, em que a duração deixa de ser um valor e pode, inclusive, se transformar em um defeito. Bauman (2000) propõe que a história da idade moderna poderia se inscrever escolhendo como momento inicial a emancipação do tempo com respeito ao espaço. Já não importa tanto quão perto ou longe fica algo e, sim, qual é a velocidade com que iremos até esse algo. O mesmo autor encontra uma interessante diferença entre a procrastinação, a preguiça e a apatia com a qual costuma se associar. E considero isto, já que costuma ser fonte de preocupação e desgosto de pais e professores de adolescentes. Este autor diz que a *procrastinação* ganhou valor nos primórdios da modernidade e propõe que está à deriva seu significado moderno do tempo vivido como peregrinação, como movimento de aproximação a um alvo. Qualquer que possa ser o valor do presente, aqui e agora, não é mais que um sinal premonitório de um valor mais alto que está por vir. O significado do presente jaz mais adiante, no que ainda não existe. Com a postergação da gratificação se relacionam valores como a ética de trabalho por cima do consumo e da economia por cima do gasto. Todos – os que temos já *certa idade* – lembramos o lema de nossa infância: *a economia é a base da fortuna*. Paradoxalmente, a negação do imediato amplifica o poder do prêmio, alcançado de modo mais nobre e elevado.

O que foi acontecendo em nossos dias? A ética do trabalho, que exaltou as virtudes do trabalho pelo trabalho mesmo, se viu superada pela estética do consumo, que subordina o trabalho a um papel secundário, cujo valor está no que possibilita, não no que é. A postergação da gratificação, longe de ser um sinal de virtude moral, é, ao contrário, um obstáculo e uma carga, índice da imperfeição de acordos sociais ou da inadequação pessoal para alcançá-la. A pergunta – a que se dedica? em que trabalha? – não faz parte da agenda necessária dos jovens para conhecerem alguém; olham, surpresos, os pais – ou talvez os avós – que ainda insistem nessa pergunta.

Não podemos deixar de lado que as condições atuais de trabalho não são alheias a estas mudanças: a precarização do trabalho, a exigência de transferir-se, às vezes, inclusive, a outros países nos quais não há laços familiares, nem sociais, entre tantas outras questões, também determinam uma mudança importante na relação com o trabalho e com a escolha vocacional dos jovens.

Claro que é o tempo vivencial que se modificou; estamos habituados a escutar e dizer que o tempo passa mais rápido e não podemos acreditar que já estamos no meio do ano! É que acontecem mais coisas em vinte e cinco anos do que aconteciam em quatro gerações ao longo de um século. Um fator fundamental desta aceleração é a veloz e ininterrupta difusão da tecnologia digital desde as últimas décadas do Século XX. Não preciso lembrar às pessoas da minha geração a paciência com que nos prendíamos ao telefone para ter acesso a esse som milagroso que nos permitia o acesso à internet, quando, agora, inclusive nós, tamborilamos os dedos se o computador é *lento*, se tarda mais de cinco segundos!

Essa mesma impaciência emerge em todos os âmbitos da vida. *Martin, de vinte anos, porém em um estado adolescente mais ligado à aproximação da puberdade e com elementos da latência, se queixa amargamente de que estudou matemática todo o final de semana e não passou no exame. Martin deseja ser engenheiro a fim de construir diques enormes, que, para ele, são a quinta-essência do alcance técnico e um legado à humanidade. Levou um tempo da sessão para compreender seu modo de estudar, relacionado com a imperiosa necessidade de resolver os exercícios sem se adiantar na teoria. O tempo e a concentração que requer a leitura foi-lhe sempre um problema, prefere as imagens.*

Contudo, e contradizendo o que prejudicialmente se costuma pensar dos adolescentes, nos últimos anos parece ter-se incrementado a venda de livros para esse grupo. Em tempos recentes, surgiu um novo personagem na paisagem virtual: o *booktuber*, cujo êxito se qualifica pela quantidade de seguidores. Não é uma surpresa que os *booktubers* tenham tido um espaço na última Feira do Livro em Buenos Aires, já que, com certeza, empresas editoriais importantes do mundo os consideram referência e formadores de novos leitores. Quem são estes personagens? São jovens entre dezessete e vinte anos que se gravam em vídeos que colocam no *YouTube* para comentarem os livros que leram. Porém, o que os caracteriza? Além de serem amantes da leitura, os *booktubers* devem ter um dom para ser populares e, por isso, os incluo nesse momento: devem ter a capacidade de narrar em menos de dez minutos, de maneira engraçada e dinâmica, sua experiência com o último livro lido. Não contariam com mais tempo de atenção pelos seus seguidores!

Outra aceleração que me parece interessante revisar é a do apuro para chegar na adolescência, assim como a lentidão em abandoná-la. Lembro um paciente de há

muitos anos, educado em estrito âmbito católico, que gritou *herege* a um professor da Faculdade que ministrava aula sobre a teoria da evolução. Seu temor frente ao desenvolvimento e à passagem do tempo lhe fazia negar até sua barba incipiente, e assim não ter que começar com o ritual de se barbear.

Claro que esse é um caso mais extremo, mas reflete uma época na qual a adolescência era vista tanto com desejo, quanto com temor. Na atualidade, é comentário geral dos analistas de crianças que a latência vem perdendo espaço. Não tanto pela negação da realidade psíquica, que seria sua característica essencial, mas, sim, pela impaciência em começar a se comportar como adolescentes. Parece que esta mudança se deve ao bombardeio, pelos meios de comunicação, sobre a sexualidade e as representações da sexualidade, mas acredito, porém, que isto também se relacione com uma idealização da adolescência nos adultos e na sociedade. Parece que a gratificação imediata, tão apreciada pela cultura, se associa com a vida adolescente. Não poucas das crises da idade média da vida, que muitas vezes coincide com a adolescência dos filhos, se expressam como uma eclosão de vida adolescente nos pais, produzindo-se uma identificação *invertida* do adulto com o adolescente.

Reflexões sobre o tema do corpo e do espaço

Podem parecer estranho que eu tenha colocado em relação espaço e corpo. Levou-me a colocá-los assim o fato de estarmos presenciando um fenômeno novo devido aos avanços tecnológicos, que incidiram nos valores dominantes da cultura contemporânea centrada na imagem. Estes artefatos tecnológicos fizeram não só possível, mas também aceitável, alterar, estender e ainda evitar o corpo e suas funções na realidade do espaço virtual. Alessandra Lema (2015) coloca um efeito interessante dessa situação ao descrever uma cisão, entre o corpo e o *self*, que leva a uma subjetividade descorporizada.

Este tema é especialmente importante na adolescência: o corpo conhecido, sentido até esse momento como familiar, se torna uma zona de sensações enigmáticas e de interrogação. Até onde vão as mudanças? Até quando? Como me reconhecerei? Este requerimento de trabalho psíquico pode ser uma demanda excessiva para alguns adolescentes vulneráveis que se veem seduzidos pelo espaço virtual que permite um refúgio ao desafio de integrar o significado do corpo sexual à imagem idealizada ou denegrida do *self*.

O criador do personagem virtual dedica longas horas ao mesmo: o veste, o protege de perigos, lhe compra objetos e realiza façanhas que aumentam seus

poderes, o que dá conta da valorização narcisista do personagem criado. Se esvanecem no personagem todas as restrições que o corpo impõe, o que pode aparecer como um obstáculo à conectividade permanente. Freud afirma que, em cada época, as neuroses aparecem com diferentes vestimentas: demonológicas, hipocondríacas e históricas (Freud, 1923). Podemos dar conta das atuais apresentações clínicas marcadas pela subjetividade de uma época na qual o impacto da tecnologia se faz sentir?

Porém, este é apenas um aspecto. Se incluímos o aspecto lúdico nestas possibilidades tecnológicas, a realidade virtual é parte de um cenário de ensaio frente à confusão provocada pelas mudanças corporais; uma espécie de moratória frente à confrontação direta. Se bem o uso indiscriminado das tecnologias de comunicação e das novas formas de interação pode se converter em um instrumento artificial para manipular a realidade, favorecendo vivências de onipotência e dificultando a possibilidade de se vincular afetivamente, também cabe pensar nestas ferramentas como possibilitadoras de novos cenários e espaços de exploração e ensaio para a busca posterior de relações amistosas ou amorosas em um espaço fora do familiar.

Atualmente, o uso da internet, as redes sociais, os blogs e as mensagens e imagens transmitidos através de celulares podem ajudar o adolescente a ampliar sua rede de relações interpessoais com pares de forma surpreendente. Poder-se-ia considerar o espaço virtual que se estabelece a partir dessas novas tecnologias como um verdadeiro espaço transicional que constitui, na maior parte dos casos, uma possibilidade mais de exploração do mundo extrafamiliar no entretempo púber de adolescente (Ungar, 2011).

No mundo virtual do *como se*, igual à criança quando brinca, o adolescente pode ensaiar e simular diferentes condutas, se aproximar do sexo oposto sem se expor ao rechaço ou ao ridículo, jogar com diferentes identidades com a ilusão de *criar* seus objetos e ter acesso a realidades diferentes da sua, sem muitos riscos para o seu narcisismo vulnerável. Contudo, estes riscos não se deixam filtrar, como é de se esperar, e se criam situações de *bullying* midiático ou códigos de rechaço que são vividos com o mesmo peso que na realidade factual e que entram na língua cotidiana, por exemplo, *me leu* quando o receptor de um *WhatsApp* marca como lida a mensagem, mas, em sinal de rechaço, não responde.

Contudo, creio que as leis do mercado quanto ao que se deve usar, ter, que tipo de corpo é aceitável etc agregam uma pressão ainda maior à usual nos grupos adolescentes, nos quais a uniformidade era garantia de aceitação. O temor à exclusão e à diferença se justificam devido a condutas ativas de rechaço e até de *bullying* das quais cada vez mais temos notícias.

Um final aberto

Escrevo estas últimas linhas depois de ter atravessado a experiência de compartilhar estas ideias com os colegas da Sociedade de Porto Alegre. Foi um intercâmbio muito rico, que me ajudou a seguir pensando, o que desejo que continuemos fazendo juntos. A vida nos demanda mudanças constantes, esperemos que não só de adaptações, mas de transformações tanto em nosso pensamento quanto em nosso quefazer. □

Abstract

Contemporary dilemmas of the analyst of adolescents

The author considers that speaking about adolescence means referring to the whole of society, to the historical and cultural reference point from which it is studied, or maybe, it would be more proper to say from which it is constructed. The semiotic description demands thinking at the same time both what is observed (the adolescent or adolescence/s) and the observer (the one who is watching, from where and for what), organizing a field of dialogic knowledge that involves the observed/observer pair. Who and how are the adolescents that we receive in our offices? Can we speak of how they are or should we say how we construct them? For such, the links between time, body and space are considered in relation to the technological advancements that have influenced the ways of relating between adolescents and society.

Keywords: adolescence, addictions, time, space, body.

Resumen

Dilemas contemporáneos del analista de adolescentes

La autora plantea que hablar de la adolescencia es referirse al conjunto de la sociedad, al marco histórico cultural desde donde la estudiamos o quizás sería más apropiado decir, desde donde la construimos. La descripción semiológica requiere pensar simultáneamente lo mirado (el adolescente o la/s adolescencia/s) tanto como el mirador (quién mira, desde dónde y para qué), organizando un campo de saber dialógico que involucre el par observado/observador. ¿Quiénes y cómo son los adolescentes que recibimos en nuestros consultorios? ¿Podremos hablar de cómo

son o deberíamos decir cómo los construimos? Se consideran los vínculos entre tiempo, cuerpo y espacio en relación con los avances tecnológicos que han influido en los modos de relación entre los adolescentes y con la sociedad.

Palabras clave: adolescencia, adicciones, tiempo, espacio, cuerpo.

Referências

- Bauman, Z. (2000). *A modernidade líquida*. Fundo de Cultura Econômica da Espanha, 2002.
- Eco, U. (1995). *Apocalípticos e integrados*. Barcelona: Tusquets.
- Freud, S. (1923[1922]). A Seventeenth-Century Demonological Neurosis. SE Vol. XIX.
- Lema, A. (2015). Psychoanalysis in times of techno culture: Some reflections on the fate of the body in virtual space. *The International Journal of Psychoanalysis* 96(3): 569-82.
- Meltzer, D. & Harris, M. (1970-73). Seminários de Novara. In L. Jachevasky & C. Tabbia (Eds.) *Adolescentes*, Buenos Aires: Spatia, 1998.
- Ungar, V. (2011). Permanências e mudanças na clínica com crianças e adolescentes. *Docta Revista de Psicanálise*, 9.

Recebido em 19/06/2016

Aceito em 20/10/2016

Tradução de **Lunara Pilecco**
Revisão técnica de **Marli Bergel**

Clara Nemas
French 3023
1425 - Buenos Aires - Argentina
e-mail: claranemas@gmail.com

© Clara Nemas
Versão em português da Revista de Psicanálise - SPPA